

DA FALA À ESCRITA: A MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NA ESCRITA DE ALUNOS DO 3º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

FROM SPEECH TO WRITING: THE MONOPHTHONGISATION OF FALLING DIPHTHONGS IN THE WRITING OF 3RD TO 5TH YEAR ENSINO FUNDAMENTAL STUDENTS

Pedro Felipe de Lima Henrique (UFPB)^{*}
Dermeval da Hora (UFPB/CNPq)^{**}

Resumo: O uso de ditongos decrescentes tem sido bastante discutido nas pesquisas de base sociolinguística variacionista em boa parte do Brasil. Os resultados obtidos têm demonstrado que a redução desses ditongos em palavras como “touro”, “eixo”, por exemplo, já é quase categórica, e, em sua maioria, as restrições sociais como sexo, faixa etária e anos de escolarização já não são significativas, o que significa que não são selecionadas pelo programa computacional responsável pelas rodadas, nesse caso, o GOLDVARB. Um olhar voltado para a escrita não tem sido tão geral quanto o voltado para o uso oral. Daí nosso interesse em trabalhar essa variável. Nosso objetivo aqui é investigar a interferência da fala na escrita por meio do processo de monotongação dos ditongos [ej] ~ [e] e [ow] ~ [o], em alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e uma privada na cidade de João Pessoa. Os autores que serviram de suporte teórico para a pesquisa foram Mollica (2000), Bortoni-Ricardo (2004), Almeida e Zavam (2004), Hora (2006), Bisol (1999) e Paiva (1996). Os dados coletados a partir dos testes, elaborados de acordo com as variáveis dependentes estudadas e as variáveis independentes controladas, foram analisados estatisticamente, como já afirmamos anteriormente, por meio do GOLDVARB. Dentre os principais resultados, estão: os alunos do sexo masculino monotongam mais do que os alunos do sexo feminino; a ocorrência da monotongação é menos frequente à medida que o nível de escolarização aumenta; a monotongação do ditongo [ow] é mais produtiva que a do ditongo [ej]; os alunos da escola particular monotongam menos que os alunos da escola pública; e as variantes consoante coronal e consoante palatal antecedentes ao ditongo [ow] são selecionadas como fortes favorecedoras para o apagamento da semivogal dos ditongos.

Palavras-chave: Variação linguística; Oralidade e escrita; Monotongação.

Abstract: The use of falling diphthongs has been widely discussed in studies based on Variationist Sociolinguistics in a considerable part of Brazil. The results obtained have demonstrated that the reduction of these diphthongs in words such as “touro”, “eixo”, for instance, is almost categorical, and, in its majority, the social constraints such as gender, age, and years of schooling are no longer significant, i.e. they are not selected by the

* Graduando em Letras Português pela UFPB, bolsita do laboratório de Variação Linguística da Paraíba (VAL-PB) pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq).

**Professor do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de Produtividade do CNPq 1B, desenvolve o Projeto "Monotongação de ditongos orais decrescentes e crescentes: história e realidade linguística". Coordenador da Área de Letras e Linguística da CAPES.

computational programme responsible for the statistical analysis of the data, GOLDVARB. The concern towards the written language has not been as general as to the oral language, thus the interest in working with the former variable. Our objective in this paper is to investigate the interference of speech in writing through the monophthongisation process of the diphthongs [ej] ~ [e] e [ow] ~ [o] in 3rd to 5th year Ensino Fundamental students in one public and one private school in the city of João Pessoa. The authors who served as theoretical support to the research were Mollica (2000), Bortoni-Ricardo (2004), Almeida e Zavam (2004), Hora (2006), Bisol (1999) e Paiva (1996). The data collected through the tests, which were elaborated in accord with the dependent and independent variables controlled in the study, were analysed statistically, as aforementioned, by means of the GOLDVARB programme. Amongst the main results we have found that: the male students monophthongised more than the female ones; the monophthogised occurrences are less frequent to the extent that the level of schooling is higher; the monophthogisation of the diphthong [ow] is more productive than that of [ej]; the students from the private school monothongise less than those from the public school; and the variants coronal consonants and palatal consonants, when preceding the diphthong [ow], were selected as strongly favourable ones for the deleting of the semivowel from the diphthongs.

Keywords: Linguistic variation; Orality and writing; Monophthongisation

Introdução

Que a fala tem reflexos na escrita é algo que tem sido afirmado, em geral, por professores que atuam na Educação Básica, pelo menos de forma empírica. Uso como o apagamento dos róticos em posição de coda (em verbos no infinitivo, principalmente), os rotacismos e as sínopes (a queda do “d” no gerúndio dos verbos) são frequentes nos textos produzidos pelos alunos (MOLLICA, 2000). A sociolinguística quantitativa, vertente da linguística que estuda a variação nas línguas naturais, pode ajudar a compreender quais fatores restringem ou condicionam o uso de uma ou outra forma variante pelo aluno, e como essa escolha pode se relacionar com a sua representação gráfica.

A aplicação da sociolinguística laboviana ao ensino de língua materna muito vem contribuindo para o aprimoramento dos métodos de ensino da modalidade padrão, tanto na metodologia dos professores, no que tange ao ensino de determinados conteúdos, quanto na melhoria dos livros didáticos.

Dentre os usos de processos fonético-fonológicos, a monotongação de ditongos decrescentes como [ej] e [ow] em [e] e [o] é um dos mais produtivos, assim como o ditongo [aj] que passa para [a], mas, que por opção, não será analisado neste artigo. Nessa perspectiva, dois pesquisadores se debruçaram sobre este processo na sala de aula: Mollica (2000) e Hora (2006). A primeira, tomando por base o trabalho de Paiva (1996), verificou: que a realização de uma intervenção pedagógica clara e direcionada

reduziria a ocorrência de monotongação na língua escrita; que a intervenção seria mais eficaz a partir da 2ª série do ensino fundamental, correspondente hoje ao 3º ano; e que há necessidade de elaborar material didático específico para sanar problemas na língua escrita com relação ao fenômeno do apagamento. O trabalho de Hora (2006) constatou: que à medida que o discente avança nas séries do Ensino Fundamental, ele vai reduzindo o uso da monotongação; que alunos da escola pública aplicam mais a regra de monotongação do que aqueles de escola privada; que palavras novas são mais suscetíveis ao processo de monotongação do que palavras dadas; e que a monotongação do ditongo [ow], mais frequente na fala, também é na escrita.

Tendo por base estas pesquisas já realizadas sobre o tema em questão e entendendo a sua importância para a intervenção adequada do professor e, conseqüentemente, a melhoria do ensino de língua materna, este trabalho tem como objetivo investigar a interferência da fala na escrita por meio do processo de monotongação dos ditongos [ej] ~ [e] e [ow] ~ [o], em alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e de uma privada na cidade de João Pessoa.

Baseados em estudos anteriores, temos como hipóteses: (a) os alunos do sexo feminino tendem a utilizar menos a monotongação do que alunos do sexo masculino; (b) a ocorrência da monotongação é menos frequente à medida que aumentam os anos de escolarização; (c) os alunos da escola particular monotongam menos do que os alunos da escola pública.

Para testar as hipóteses elencadas, aplicamos testes elaborados de acordo com as variáveis independentes controladas em turmas do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e de uma escola privada. Analisamos os dados estatisticamente com o auxílio do programa Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

O presente artigo está dividido em quatro partes. Afora esta introdução, destinamos a Seção 2 à revisão bibliográfica que fundamentou esta pesquisa; a Seção 3 à Metodologia utilizada para a coleta e o processamento dos dados; e a Seção 4 à análise dos dados, realizada à luz do arcabouço teórico utilizado.

1 Marco teórico

Nesta seção, discutiremos, primeiramente, a importância de se considerar a variação linguística no contexto do ensino de língua materna a partir da perspectiva de Mollica (2000), Bortoni-Ricardo (2004), Almeida e Zavam (2004), e Hora (2006). Posteriormente, apontaremos algumas descrições fonológicas e sociolinguísticas do processo de monotongação, a partir dos estudos de Bisol (1999), Paiva (1996), Mollica (2000) e Hora (2006).

1.1 Variação Linguística e Ensino: contribuições para uma didática eficiente

Os trabalhos em sociolinguística quantitativa muito vêm contribuindo para a desmistificação da noção de erro linguístico e a sinalização das consequências que esse (pré)conceito pode causar. Ao lado dessas pesquisas, de cunho variacionista e descritivo, existem aquelas que implementam os dados empreendidos das primeiras e os inserem no contexto escolar, aplicando os conceitos e métodos da sociolinguística ao ensino de língua materna (ou estrangeira). Linguistas como Mollica (2000) e Bortoni-Ricardo (2004) são alguns dos pesquisadores que se debruçaram no universo da educação e investigaram as interferências das variantes trazidas pelos alunos no processo de aprendizagem/apropriação da língua escrita.

Acerca da metodologia ainda adotada pela maioria dos professores de língua portuguesa, Hora afirma que:

A metodologia tradicional tende a confundir o ensino de língua. No entanto, lembra-nos os estudos linguísticos que são os usos que formam a língua, e não as regras da gramática normativa. Ou seja, a língua é um elemento vivo, em constante mutação, e não um amontoado de regras estáticas que devem ser seguidas pelo falante (HORA, 2006, p. 215).

Dessa forma, o linguista afirma que o papel do professor deve ir além do ensino da gramática por si só, já que o universo linguístico não se resume a ela. Pelo contrário, o leque de possibilidades que a língua oferece não pode ser simplesmente descartado. A esse respeito, Almeida e Zavam discorrem:

Não questionamos a Gramática Normativa, mas o uso que se faz dela no ensino de Língua Portuguesa: único modelo para ensinar a língua tanto na sua modalidade escrita quanto na sua modalidade oral. Esse é um dos grandes equívocos que permanecem no ensino de Língua Portuguesa. O problema se configura, na verdade, quando se toma como único modelo de descrição da língua a Gramática Normativa. À Gramática normativa subjaz a ideia de uma língua portuguesa única, homogênea, imutável (ALMEIDA; ZAVAM, 2004, p. 238).

As autoras defendem que um ensino menos restritivo de língua a partir da gramática deve ser pensado na medida em que a primeira não é o espelho da segunda. No entanto, não estamos descartando o ensino da norma padrão; afinal, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Tomar a língua escrita e o que se tem chamado de língua padrão como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola se justifica, na medida em que não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e lingüística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita. (BRASIL, 1997, p.30)

Dessa forma, para “desenvolver a capacidade linguística dos alunos”, a escola deve, obrigatoriamente, torná-los capazes de se utilizarem da norma padrão para a confecção de textos que a exijam, mas não devem tornar o ensino unilateral em relação a ela. Percebemos também, no trecho acima, que a língua escrita deve ter atenção especial. Somando essa informação ao que é dito anteriormente pelos Parâmetros, quando apontam que os padrões de oralidade devem ser levados em conta no ensino da norma culta, o qual deve partir do conhecimento que o aluno já possui e, a partir dele, incluir outras normas, podemos perceber a importância da fala na apreensão dos códigos escritos. Essa é uma perspectiva compartilhada por Almeida e Zavam:

Deveríamos trabalhar com a ideia de acréscimo de variedades a serem dominadas. Em outras palavras, além do vernáculo que o aluno já domina, acrescentaríamos o estudo da norma culta (apreendida das regras referidas acima) proporcionando, assim, o domínio da língua efetivamente realizada e que, em muitos contextos, diverge da norma padrão. Esse domínio da norma culta, por sua vez, pode acontecer sem traumas para o aluno se o professor tiver consciência da variação da língua e, portanto, das variedades adequadas a cada situação discursiva em que nos encontramos cotidianamente (ALMEIDA; ZAVAM, 2004, p. 257).

Nas primeiras séries, etapa em que a criança está sendo inserida no mundo da escrita, essa relação fala x escrita é ainda mais estreita. É exatamente nesse ponto que a variação linguística, inerente à língua falada, exerce um papel fundamental e que não pode ser descartado no ensino de língua, tal como afirma Hora:

O reconhecimento da variação linguística, como sendo inerente à linguagem por parte do professor que atua no nível de ensino fundamental poderá contribuir para a apreensão das diferentes formas empregadas pelos alunos, principalmente nos textos escritos que acabam espelhando quase sempre a fala. A monitoração na língua escrita não deve levar em consideração apenas a gramática, mas, sim, o conhecimento da realidade linguística de cada um. Tal conhecimento levará à constatação de que as hipóteses levantadas pelos alunos ao escrever tem relação direta com a experiência vivida em seu ambiente social. Por isso acredita-se que quanto mais conhecidas forem as formas introduzidas pelos docentes, menos dificuldade terá o aluno de reproduzi-las na escrita (HORA, 2006, p. 216).

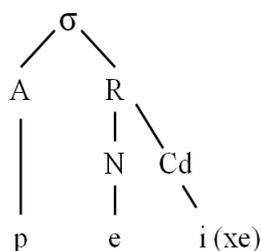
Ademais, a discussão da pesquisa que apresentamos neste artigo gira em torno de um processo do uso da língua que pode se manifestar na escrita de alunos em processo de aquisição dessa modalidade. Para entender melhor a gênese desse processo, a seguir apresentaremos suas descrições fonológicas e sociolinguísticas.

1.2 A monotongação de ditongos decrescentes

Para explicarmos a formação de um ditongo, faremos uma pequena descrição da estrutura silábica do Português Brasileiro, situando o processo nos segmentos que o originam.

Se concebermos a sílaba como uma estrutura hierárquica constituída de ataque e de rima, em que a rima pode ligar-se o núcleo e a coda, podemos afirmar que os ditongos aos quais nos referimos se situam na rima, tendo a vogal como núcleo e o glide como coda, conforme podemos observar na representação em (1).

(1)



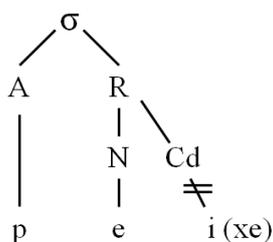
A respeito de ditongo e do preenchimento pela vogal da coda, Bisol (1999, p. 723) afirma:

O ditongo poderia ser analisado como um núcleo ramificado. Duas evidências, porém, sustentam o postulado da rima ramificada: a) o português não possui, no seu sistema fonológico, vogais longas, que, com a forma de oo, ee, aa, etc. estariam repetindo uma posição de núcleo; b) o português não possui rima constituída de sequência VGL (vogal glide, líquida): ao contrário, o glide ocupa a mesma posição estrutural da líquida na coda. Por conseguinte, o ditongo lexical é definido como sequencias de duas vogais, das quais a de maior sonoridade é escolhida por PSS¹ como núcleo e a outra inserida na coda, reservada a qualquer soante, traço que a vogal possui. É nesse caso que se converte em glide.

Dessa forma, o Português Brasileiro apresenta ditongo nas sílabas em que há duas tautossilábicas, em que uma delas, a de menor intensidade, é denominada de glide. O fenômeno da monotongação consiste, pois, na redução do ditongo a uma vogal simples, ou seja, na supressão do glide nos ditongos [aj], [ej] e [ow], reduzindo-os, respectivamente, às vogais simples [a], [e] e [o]. É o que acontece quando “c[aj]xa” é produzido como “c[a]xa”, “b[ej]jo” como “b[e]jo” e “r[ow]bo” como “r[o]bo”.

Em (2), ilustramos o que entendemos por monotongação.

(2)



¹ PSS equivale a Princípio de Sonoridade Sequencial. É por meio dele que identificamos o núcleo da sílaba. Ele vai assinalar os picos de sonoridade de uma cadeia sonora; no caso do português, só as vogais são picos silábicos (BISOL *apud* HORA, 2006, p.213).

O que temos em (2) é o desligamento do glide na posição de coda.

Hora (2006, p.214), explicando o fenômeno, afirma que “o desligamento da ramificação da Rima preenchida pela vogal /i/ convertida em glide, ou seja, o apagamento da coda é bastante comum no Português Brasileiro, doravante PB, não só em se tratando de glide, mas também quando esse preenchimento se dá por consoantes coronais /r, l, s/”. Para Câmara Jr. (1978, p.170), “chama-se monotongo à vogal simples resultante desse processo, principalmente quando a ortografia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa”.

Dentre os vários trabalhos de cunho variacionista que investigaram o comportamento dessa variante e quais os possíveis fatores que podem favorecê-la está o de Paiva (1996), que investigou a monotongação de [ej] e [ow] no português falado no Rio de Janeiro. Dos resultados mais relevantes, a variável contexto fonológico seguinte mostrou-se estatisticamente mais relevante, principalmente quanto ao apagamento do glide anterior [j], que acontece em contextos específicos. Já o ditongo [ow] sofre variação em todos os contextos fonológicos.

Baseada nos resultados de Paiva (1996), Mollica (2000), em sua pesquisa sobre a interferência da fala na escrita em alunos de 1^a a 4^a séries do ensino fundamental de escolas do Rio de Janeiro, elaborou um instrumento de coleta de dados com palavras selecionadas a partir dos contextos fonológicos elencados pela pesquisa de Paiva como favorecedores à regra. Essa foi a única variável linguística controlada, já que foi a única que se mostrou relevante na pesquisa. Quanto às variáveis extralinguísticas, Mollica controlou o tipo de escola, o nível escolar dos alunos, o sexo, e a orientação direcionada (com e sem intervenção antes da aplicação do questionário).

A metodologia de nossa pesquisa foi baseada nesse trabalho de Mollica (2000) e será descrita na próxima seção.

2 Metodologia

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira delas, caracterizaremos o *corpus* linguístico. Na segunda parte, apontaremos a variável dependente a ser analisada e as independentes a serem controladas, estabelecidas de acordo com estudos anteriores. Na última seção, explicaremos o método de análise estatística.

2.1 O corpus linguístico

O *corpus* linguístico utilizado para esta pesquisa é composto por palavras escritas por 81 alunos distribuídos entre 3º, 4º e 5º anos de uma escola pública e de uma privada da cidade de João Pessoa. Eles estão assim estratificados:

Quadro 1 – Estratificação dos informantes²

Sexo:	Masculino	39 informantes
	Feminino	42 informantes
Escolarização:	3º ano	21 informantes
	4º ano	31 informantes
	5º ano	29 informantes
Tipo de escola:	Pública	38 informantes
	Privada	43 informantes

Fonte: Pesquisa direta.

O instrumento de coleta de dados foi elaborado de acordo com os contextos fonológicos apontados pelo trabalho de Paiva (1996) como favoráveis à regra de monotongação na fala. Foram, pois, as palavras “roubando”, “roupa”, “touro”, “tesoura”, “louça”, “doutor”, “louco”, “pouco”, “deixa”, “peixe”, “feijão”, “queijo”, “cadeira” e “brigadeiro” esperadas que os alunos escrevessem num espaço em branco, precedido por uma figura e por um contexto enunciativo que indicava cada uma delas. Além dessas palavras, outras como *casa* e *livro* foram postas entres as já citadas para servir como distratoras. Esse instrumento foi aplicado no dia 26 de fevereiro na escola pública e no dia 5 do março na escola privada.

2.2 Definição das variáveis

A variável dependente, que é a monotongação dos ditongos decrescentes [ej] e [ow], tem como variantes a manutenção do ditongo *versus* sua redução, como em “p[ow]co” que alterna com “p[o]co” e “b[ej]jo” que alterna com “b[e]jo”.

² A desigualdade entre número de informantes em cada célula não interferirá na análise estatística dos dados, já que o número de aplicação das ocorrências é calculado proporcionalmente ao número de informantes de cada célula.

Quanto as variáveis independentes, temos dois grupos: as linguísticas ou estruturais e as extralinguísticas ou sociais. Controlamos como variáveis linguísticas: (a) o contexto fonológico seguinte ao ditongo [ow] – labial (“roubando”, “roupa”) tepe (“tesoura”, “touro”), coronal, menos tepe (“doutor”, “louça”), e dorsal (“pouco”, “louco”) –; (b) o contexto fonológico seguinte ao ditongo [ej] – tepe (“cadeira”, “brigadeiro”), fricativa palatal surda (“deixa”, “peixe”), e fricativa palatal sonora (“feijão”, “queijo”). Enquanto variáveis extralinguísticas, controlamos: (a) a série escolar (3º, 4º e 5º ano); (b) o tipo de escola (pública e privada); (c) e o sexo (feminino e masculino).

2.3 Método de Análise

Na análise dos dados utilizamos o GOLDVARB 3.0. Este aplicativo da Macintosh executa análises de regras variáveis e combina estatisticamente os dados postos pelo pesquisador para serem processados, após o levantamento das ocorrências e a codificação de cada uma de acordo com as variáveis apontadas. O tratamento estatístico eficiente da ocorrência do fenômeno e das variáveis independentes nos permite enxergar a influência de cada uma delas no processo em questão.

3 Descrição e análise dos resultados

Apresentaremos nesta seção a análise dos resultados da pesquisa. No tratamento quantitativo, contando com o auxílio do GOLDVARB 3.0, utilizamos um total de 1.124 contextos de ocorrência na escrita de 81 estudantes. Esse tratamento apontou como favorecedores à regra de monotongação na escrita, em ordem de proeminência, o tipo de escola, o contexto fonológico seguinte a [ow], a escolaridade, o tipo de ditongo e o sexo. A variável descartada pela rodada foi o contexto fonológico seguinte a [ej], que não se mostrou relevante para o processo.

Na análise dos dados, consideraremos a ordem de significação selecionada pelo Programa. Assim, iniciamos com “o tipo de escola”, se pública ou privada.

Na Tabela 1, observamos que são os alunos da escola pública que favorecem o processo de monotongação, enquanto os da escola privada desfavorecem-no.

Tabela 1 – Tipo de escola

	Apl./total	%	Peso Relativo
Pública	183/578	31,7	0,680
Privada	54/546	9,9	0,310
Input= 0,159			Sign.= 0,006

Esta variável foi apontada pelo programa como a mais importante para o processo em análise. Podemos observar que na escola pública o peso relativo é de 0,68, enquanto na escola privada é de 0,31. Será que os alunos da escola privada têm mais acesso a textos escritos? Em caso afirmativo, essa hipótese poderia estar contribuindo para o monitoramento na escrita de palavras que tivessem o ditongo decrescente.

A segunda variável mais significativa apontada pelo programa foi o contexto fonológico seguinte ao ditongo [ow]. O fator consoantes coronais (menos o tepe) é o que mais favorece a supressão da semivogal [w], com peso relativo de 0,661 e frequência de aplicação de 39,5%. As consoantes labiais também favorecem a regra, com peso relativo de 0,565 e frequência de aplicação de 39,5%. Tais resultados podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 – Contexto fonológico seguinte (para [ow])

	Apl./total	%	Peso Relativo
Labial (roubo, roupa)	50/159	31,4	0,565
Coronal (doutor, louça)	64/162	39,5	0,661
Tepe (touro, tesoura)	34/162	21,0	0,402
Dorsal (louco, pouco)	31/162	19,1	0,371
Input= 0,232			Sign.= 0,000

A terceira variável apontada pelo programa como significativa foi a série escolar dos alunos. Identificamos que o 3º ano é o maior favorecedor a regra, com peso relativo de 0,684 e frequência de aplicação de aplicação de 34,3%, segundo a Tabela 3. As outras séries não apresentam diferenças relevantes, apesar de apontarem uma progressão crescente da perda da monotongação.

Tabela 3 – Série escolar

	Apl./total	%	Peso Relativo
3º ano	94/274	34,3	0,684
4º ano	76/444	17,1	0,432
5º ano	67/406	16,5	0,444
Input= 0.159			Sign.= 0.006

Entendemos ser este resultado bastante coerente, uma vez que à medida que avança a escolaridade, o índice de monotongação se reduz. O contato com a escrita deve ir sendo acentuado com o passar dos anos, o que favorece a preservação da ditongação.

A variável “tipo de ditongo” foi apontada como a quarta mais importante para o processo. O ditongo [ow] se mostrou mais suscetível à redução, com peso relativo 0,600 e frequência de aplicação de 27,8%, conforme Tabela 4.

Tabela 4 – Tipo de ditongo

	Apl./total	%	Peso Relativo
[ow]	179/645	27,8	0,600
[ej]	58/479	12,1	0,367
Input= 0,159			Sign.= 0,006

A variável sexo foi a última selecionada como importante para a monotongação. O sexo masculino foi apontado como favorecedor ao processo, com peso relativo de 0,562 e frequência de aplicação de 25,9%, como indica a Tabela 5.

Tabela 5 – sexo

	Apl./total	%	Peso Relativo
Feminino	101/598	16,9	0,445
Masculino	136/526	25,9	0,562
Input= 0,159			Sign.= 0,006

Esses resultados ratificam o cuidado com o uso da língua pelo sexo feminino. Eles têm sido frequentes em quase todos os trabalhos variacionistas. O sexo feminino sempre prioriza a norma padrão, a fala culta. Tem assim garantido seu prestígio explícito, ao contrário dos homens, cujo traço marcante é o prestígio implícito, quando tem conhecimento da norma e dela não faz uso.

Considerações finais

A partir da análise dos dados e tendo por base a revisão bibliográfica feita neste trabalho, já podemos avaliar as hipóteses estabelecidas no início da pesquisa. A primeira, que considerava que alunos do sexo feminino tendem a utilizar a forma não monotongada, foi confirmada. A segunda hipótese, a qual apontava que a ocorrência da monotongação é menos frequente à medida que o nível de escolarização aumenta, foi

confirmada. Os dados da pesquisa apontaram que a variante monontogada está mais presente na escrita dos alunos com nível mais básico de escolaridade (3º ano), e a frequência de sua utilização vai diminuindo com o aumento do nível escolar (4º e 5º ano). A última hipótese previa que os alunos da escola particular monotongariam menos que os alunos da escola pública. Ela foi não só confirmada, como também apontada como a variável mais importante para a redução do ditongo, sendo a variante escola pública a mais favorecedora ao processo.

Este trabalho nos remete a uma reflexão sobre duas modalidades de uso da língua: de um lado, a falada, e de outro, a escrita. São níveis diferentes que têm também codificações diferentes. O processo analisado nos faz ver que o acesso à escrita pode desfazer a ideia de que essa seja um reflexo da fala. De posse desses resultados, o professor pode conjugar os dois níveis de uso para melhorar sua performance enquanto sistematizado da língua.

Referências

- ALMEIDA, N.; ZAVAM, A. (Orgs.). *A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo*. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.
- BISOL, L. A. A sílaba e seus constituintes. In NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. v.VII. Campinas: Unicamp, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 8.ed., Petrópolis: Vozes, 1978.
- HORA, D. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala versus escrita. In: GROSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.) *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- MOLLICA, M. C. Testagem em processos de Monotongação. In: MOLLICA M. C. *Influência da fala na alfabetização*. 2. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S. ; SMITH, E. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. 2005. <http://winehq.org/site/download>

TASCA, M. *A interferência da fala na escrita das séries iniciais: o papel dos fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, 182 p.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.